



INTERCÂMBIO

Temenos: Recinto sagrado de Santa Raimunda

Temenos: Sacred precinct of Santa Raimunda

Rachel Dourado Silva*

Resumen: A vida e a morte dialogam com aspectos culturais, sociais e ambientais. Nesse sentido, a relação entre pessoas e o(s) recinto(s) sagrado(s) dar-se-á por infinitas razões. O local de estudo é o santuário de Raimunda, localizado na Reserva Extrativista Chico Mendes, no Acre, tríplice fronteira entre Brasil, Bolívia e Peru, local com grande poder de atração, especialmente de devotos advindos do Peru, do departamento de Madre de Dios. O dito santuário, da alma do Bom Sucesso, permite compreender, por meio da fé expressa por seus devotos, a relação entre vida e morte, símbolos e experiências pessoais, dando vida às vivências culturais, sociais e ambientais, e à organização coletiva. A pesquisa é construída pela fenomenologia, com observações de campo realizadas entre os períodos de 2010 a 2015 e agosto de 2022, assim como com observação das ameaças da perda de direitos dos povos das florestas, bem como da manutenção das próprias florestas. A pesquisa tem como objetivo verificar de forma indireta como se dá a relação das comunidades com os recintos sagrados.

Palavras-chave: Santuário. Fenomenologia. Santa Raimunda. Devoção Popular. Ameaças.

Abstract: Life and death dialogue with cultural, social, and environmental aspects. In this sense, the relationship between people and the sacred enclosure(s) will occur for infinite reasons. The place of study is the Sanctuary of Raimunda, located in the Chico Mendes Extractive Reserve in Acre, on the triple border of Brazil, Bolivia, and Peru, a place with great power of attraction, especially of devotees from Peru, from the department of Madre de Dios. The said Sanctuary of the soul of Bom Sucesso allows us to understand through the faith expressed by its devotees the relationship between life and death, symbols and personal experiences, giving life to cultural, social, environmental lives, and collective organization. The research is built by phenomenology, with field observations carried out between the periods of 2010 to 2015 and August 2022, as well as with observation of the threats of the loss of rights of the forest peoples and the maintenance of the forests themselves. The research aims to indirectly verify how the communities' relationship with the sacred enclosures occurs.

Keywords: Sanctuary. Phenomenology. Saint Raimunda. Popular devotion. Threats.

Introdução

O Santuário de Santa Raimunda está localizado na Amazônia sul ocidental, precisamente no Estado do Acre, nas divisas geográficas com Bolívia e Peru. Pertence aos limites do que, na atualidade, é a Reserva Extrativista (RESEX) Chico Mendes, área de proteção ambiental de uso sustentável, prevista pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC, criada após grande repercussão do movimento em defesa do modo de vida extrativista, movimento este que contou com muitos envolvidos. Chico

* Doutoranda em Geografia pela UNAM (México). ORCID: não declarado pela autora. Contato: racheldourado@gmail.com

Mendes foi uma das lideranças naquele contexto, cuja luta se pautava na relação entre pessoas e natureza, esta última entendida como sagrada e essencial para manutenção da vida humana e para aquelas pessoas que viviam exclusivamente do extrativismo vegetal. O conceito de reserva extrativista foi inspirado no modo de vida dos povos indígenas, na articulação da Aliança dos Povos das Matas/Florestas.

O temenos de santa Raimunda está no interior do Seringal Icuriã, colocação Bom Sucesso, local onde viveu e morreu Raimunda Moreno. A demarcação do recinto sagrado nessa região da floresta amazônica (Klein, 2003) e (Silva, 2015), resultado das manifestações culturais da devoção popular, da veneração, e/ou temor das almas, a última expressa somente onde há alguém enterrado. Nas florestas, ter uma alma num lugar já é um delimitador de recinto sagrado; de imediato, é eleito o temenos da alma e se gera a demarcação territorial que transforma o espaço em um recinto sagrado.

De modo geral, todo lugar destinado a um morto é sacralizado pela alma, e os espaços são conhecidos sempre pelo nome “Alma” mais o nome do lugar, como é o caso de Santa Raimunda. Antes da hierofania, o espaço era conhecido como Alma do Bom Sucesso; após a hierofania, que é o indicador de que a alma está em um bom lugar, ela passa a ser conhecida e chamada como santa Raimunda, Alma do Bom Sucesso. São esses recintos que permitem um estudo da devoção popular no interior da reserva. Os principais elementos utilizados na pesquisa para compreensão dos fenômenos devocionais são: a morte e o enterro como marcador territorial (Silva A. d., 2010), e o ser e o sentir da comunidade devota de santa Raimunda, por meio de observação e experimentação em campo.

Santa Raimunda e florestas sagradas

Temenos são recintos sagrados, espaços na floresta amazônica reconhecidos pela cultura popular, herança dos povos indígenas (Klein, 2003) e (Silva R. D., 2015), venerados e respeitados, mesmo os que não têm um forte poder de atração de devotos e peregrinos. São sagrados por guardar as almas, estando elas em um bom lugar ou não, e é por isto que é comum colocar um ramo de uma planta qualquer no túmulo para que a alma não siga quem cruza seu recinto sagrado, a exemplo do que se vê na Figura 1. Na imagem, pode-se ver uma família preparada para cruzar o recinto na colocação Flor de Xapuri. É perceptível, na imagem, que a mulher já vem com o ramo em mãos, prática ritual impregnada de reverência. Na ocasião, cruzando o recinto, ao ser indagada sobre o motivo, ela comentou que aprendeu assim e que desta maneira deve sempre fazer, por respeito para com a alma que ali está. A informação é de transmissão geracional.

Todo morto é alma; onde há uma, há um recinto sagrado. Para que o recinto tenha um forte poder de atração devocional, diversos fatores estarão compreendidos, como apontam (Eliade & Couliano, 1999) no que se refere ao conceito de hierofania. No caso de Raimunda, deveu-se ao cheiro de perfume, nunca experimentado na localidade. Esse aroma em seu túmulo constitui-se como um indicador, para a comunidade local, de que a alma ali posta está em um bom lugar e que, agora, a população local tem quem olhe por eles, alguém que conhece a dor e as dificuldades de quem vive na floresta. Uma vez santificada pela comunidade, pode, agora, operar milagres.

Figura 1: Alma da Flor de Natal.

Fonte: (Silva R. D., 2015).

Além da hierofania, os demais fatores para elevação estão relacionados à vida (ação em vida) e à morte (dor e sofrimento), elementos que a santa objeto deste estudo apresenta. O que ocorre na elevação popular de um santo é o reconhecimento do temenos pela comunidade – que se dá quando um morto apresenta uma erupção, uma hierofania. Assim é Raimunda, que deixa de ser tratada como alma do bom Sucesso e passa a ser nominada como Santa Raimunda Alma do Bom Sucesso, seu nome e o nome do lugar.

Na observação de campo, e com base em (Silva R. D., 2015), a história de Raimunda é toda pautada em informações orais que delimitam as diversas condições da santa e da comunidade local do período de sua vida até sua morte, que ocorreu possivelmente em 1910, assim como no contexto das famílias ao longo dos anos na localidade. Sobre sua vida, existem duas narrativas quanto à origem: a primeira é a de que Raimunda teria migrado do Nordeste do país, como muitos trabalhadores, em busca de oportunidade no primeiro ciclo econômico da borracha; e a segunda é a de que ela seria indígena da região do alto do rio Iaco, na região do centro do Icuriá, sendo as duas possibilidades ainda não comprovadas. Importante observar que, no primeiro ciclo econômico da borracha, eram poucas as mulheres que migravam para a Amazônia, corroborando, assim, a legitimação da segunda possibilidade, uma vez que muitos homens migravam sozinhos e, no período, os povos indígenas sofriam muitos raptos de mulheres. O primeiro relato oficial é da igreja católica, com o possível registro que se encontra na prelazia de Boca do Acre/Amazonas, responsável pelos registros de casamento, na época, da região de Sena Madureira. Da informação coletada na missa, realizada no santuário, consta que:

O senhor Manoel José dos Santos, seringueiro morador da colocação Benfica, Icuriá, Iaco, conheceu Raimunda Moreno da Silva, a alma do bom sucesso, que se casou no rio Caeté na passagem do Monteiro Leite em 1901 foi para o Icuriá com seu marido João Moreno seringueiro com qual está agora no rio Caeté. Relato coletado na missa realizada em de agosto 2010.

O barco Monteiro Leite percorria as áreas ribeirinhas oficializando as uniões matrimoniais. Raimunda, ao migrar para a colocação Bom Sucesso, atuou na região como seringueira (informação não oficializada; ela não tinha seu nome na caderneta, somente o de seu esposo, prática muito recorrente no período; e atuava como parteira). Nesta última função, percorria quilômetros de uma colocação a outra para assistir mulheres em sua hora de parto. Sua dedicação e serviço como parteira talvez tenham dado maior credibilidade ao seu nome na hora da elevação popular de alma ao status de santa.

Na atualidade, existe um movimento recorrente de peregrinas que adentram o santuário com demandas voltadas à maternidade, fins de ciclos de violência doméstica e cura de câncer, dentre outros. São muitos os relatos entre 1906 e 1910, ano provável de sua morte, porém, o recorrente nas narrativas populares é que ela foi agredida fisicamente por seu marido em uma ronda da seringa por chegar atrasada, estando gestante de nove meses. Logo após, adentrou uma estrada da seringa e começou a coletar o leite de látex, já cortado por seu marido, quando sentiu fortes contrações. Encostada em uma seringueira, em trabalho de parto, faleceu. Não foi possível salvar sua vida e nem a de seu filho, e esta é a narrativa de maior recorrência. A segunda é a de que ela morreu e a criança sobreviveu.

Ciclos de violências: romper com estigma

Muitas das diversas santas, mulheres, elevadas popularmente no interior da Reserva Extrativista Chico Mendes, têm sua causa-morte relacionada à violência física, ao assassinato e à ausência de serviços de saúde. Quanto aos santos, homens, a causa de morte, de modo geral, é atribuída a outras mazelas, como doenças (especialmente a malária).

A utilização inadequada de algumas expressões tratadas como culturais, não pelas pessoas que as sofrem, mas por aqueles que tentam amenizar ou minimizar alguns fatos tratando-os como de “causa cultural”, devem ser abandonadas. Cultura não pode ser traduzida como tudo. Dor, violência e opressão não são traços culturais, mas, sim, elementos cotidianos de violências que são tratados como “toleráveis”, seja por falta de força do oprimido para romper o ciclo, seja pelo poder do opressor. Quando existe aquele que não aceita violência, ocorre uma ação/reação para romper o processo opressor. Num aspecto geral, cultura está vinculada a todas as formas de fazer e saber de um povo, mas não a violências exercidas. Mulheres que foram mortas com carga de violência, fruto de agressão no contexto em estudo, tornam-se santas. As narrativas das peregrinas reproduzem essa necessidade de fim da violência por meio do amparo que encontram na devoção popular à santa Raimunda, e a história funciona como um recordatório para que isto não volte a acontecer.

Reserva extrativista Chico Mendes

O temenos é vivenciado em quase todas as aglomerações dos povos da Amazônia. Sempre existe um espaço sagrado, seja uma árvore como a samaúma, seja um lugar onde estão os parentes. A Amazônia e seus povos estão no imaginário de quase todo o globo terrestre, sendo estudados, idealizados e estigmatizados. Muitos adentraram os

territórios amazônicos a fim de “extrair saberes e fazeres da natureza”, que, por muitos, é vista como recurso. Para essas comunidades, são os impactos das explorações que provocam uma série de conflitos que tornam recorrentes a organização comunitária para sobrelevar essas situações.

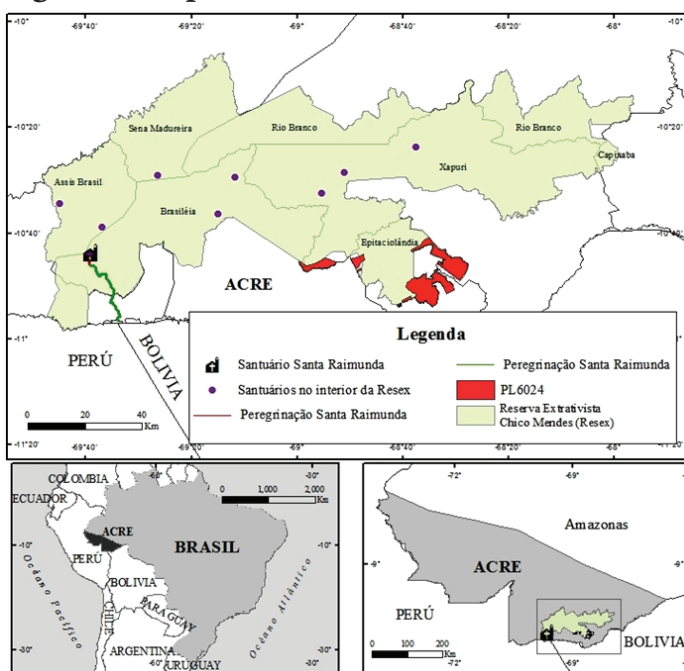
As reservas extrativistas são resultadas da luta dos povos das florestas em defesa do seu modo de vida e ofício. Elas são consideradas a reforma agrária dos seringueiros. Outra ênfase que essa abordagem pretende é voltar-se à situação dos povos da Amazônia, à problemática dos diferentes usos do território, aos conflitos ocasionados pela falta de prioridade para esses povos, ao impacto da pandemia da Covid-19, ao Projeto de Lei 6024/2019 e à pressão pela destruição da natureza. Como bem enfatiza Krenak (2019), sobre a base da história do Brasil,

O que está na base da história do nosso país, que continua a ser incapaz de acolher os seus habitantes originais – sempre recorrendo a práticas desumanas para promover mudanças em formas de vida que essas populações conseguiram manter por muito tempo, mesmo sob o ataque feroz das forças coloniais, que até hoje sobrevivem na mentalidade cotidiana de muitos brasileiros –, é a ideia de que os índios deveriam estar contribuindo para o sucesso de um projeto de exaustão da natureza. (Krenak, 2019, p. 21).

As pessoas que estão na “contracorrente” são vistas como empecilho ou são invisibilizadas. Os modelos econômicos ignoram presença humana em florestas assim, como ignoram a cosmovisão desses povos que têm uma dinâmica de respeito e veneração para com a natureza, fonte de sua subsistência. O racismo ambiental e a xenofobia são recorrentes quando a pauta são os povos da Amazônia.

A Figura 2 apresenta o *temenos* de Santa Raimunda, alma do Bom Sucesso, e a composição dos limites da Reserva Extrativista Chico Mendes:

Figura 2: Mapa Reserva Extrativista Chico Mendes



Fonte: Elaboração autor, 2022.

Para além dos distintos problemas que já ocorrem com as comunidades das florestas, somam-se os da pandemia da Covid-19 e o ataque para redução de direitos à eficiência de políticas públicas, em alguns quesitos em especial, tais como: educação, saúde, produção agroecológica e assistência técnica com incentivo a alternativas viáveis para manutenção de cultivos.

Diante desse cenário, algumas comunidades lutam pela manutenção do mínimo conquistado, articulam estratégias e renovam alianças, pois acreditam que suas vidas estão intimamente relacionadas com a natureza. Na atualidade, a área estudada sofre um agravante por meio do Projeto de Lei 6024/2019, que tramita na Câmara dos Deputados e que prevê a redução dos limites da Reserva Extrativista Chico Mendes e a mudança da categoria do Parque Nacional da Serra do Divisor (que na realidade não é previsto pela legislação); logo, se aprovado, o parque será extinto. Os argumentos para tal proposta são tão rasos que fica nítida a falta de interesse em descobrir as raízes dos problemas socioambientais que assolam as pessoas que vivem em áreas protegidas e as fragilidades que são expostas em seus limites, como aborda, (De La Cadena, 2018):

O mal-entendido é uma relação ontológica; embora o equívoco possa ser discernido (ou controlado, como diz Viveiros de Castro), ele também é uma condição inevitável que não pode ser alterada. Em vez disso, o dissenso coloca indivíduos socialmente desiguais em uma disputa para serem os mesmos (ou socialmente equivalentes), e a partir dessa posição nomear e definir o que deveria ser o mesmo; aqui o mal-entendido é político e reflete uma disputa epistêmica para mudar como a ordem estabelecida é percebida. Dito de forma diferente e talvez mais clara nos termos do argumento deste artigo: o mal-entendido no equívoco emerge quando corpos que pertencem a mundos diferentes usam a mesma palavra e nomeiam entidades que não são as mesmas porque elas também, como os corpos que as nomeiam, pertencem a mundos diferentes; o dissenso resulta de mal-entendidos sobre condições de nomeação das mesmas entidades em um mundo que deve ser compartilhado. (De La Cadena, 2018, p. 99 e 100).

O equívoco no caso estudado é vivenciado em seu período histórico, pois o território foi destinado a diferentes usos, território este que já tinha residentes com um modo de vida uso. Equívocos políticos em todos os períodos históricos: sobreposição de usos, de interesses, fator que seguem na atualidade gerando problemas socioambientais e culturais, pois os equívocos do passado seguem ocorrendo, por grileiros, ilegais e alguns projetos políticos que atravessam essas populações respaldando a ilegalidade. “Equívocos”, estranhamente bem orquestrados (De La Cadena, 2018), ajudam na compreensão para nossa análise, uma vez que temos pessoas “subalternas” batalhando por direitos, como o acesso à terra, e temos outros que estão a serviço do capital (estes mandam derrubar e invadir as comunidades dos que ali já estão trabalhando e organizados). Na linha de frente do conflito só não entram os donos do capital. A luta é constante, sem descanso. Basta uma pequena visita ao processo histórico da Amazônia para perceber a ciclicidade de ataques e pressão para o “progresso” que não representa os povos da Amazônia. Grileiros, extratores madeireiros, entre outros ilegais, na clandestinidade adentram santuários amazônicos no breu da noite e, sorrateiramente, saqueiam e matam quem se mobiliza para impedir. Convém registrar que esses ataques ocorrem com aval, indireto, do governo federal, uma vez que as instituições de fiscalização e de cuidado dos povos das florestas não foram prioridades. Esse aval provoca maior incidência de violência aos povos das florestas. Foram muitos incêndios florestais e assassinatos de guardiões

das florestas no Brasil. As políticas de sucateamento estão sendo apresentadas e votadas por bancadas extremamente interessadas em melhorar seus rendimentos pessoais, a exemplo da bancada ruralista.

Devoção em meio à floresta e as problemáticas locais

Ao observar os ex-votos deixados no recinto sagrado de santa Raimunda, é perceptível o panorama das principais mazelas que assolam essas comunidades das florestas. O movimento no local é feito por residentes da reserva extrativista Chico Mendes e do seu entorno, além dos que são advindos de países vizinhos (especialmente do Peru), que frequentam o santuário para agradecer e solicitar atendimento para diferentes situações. Entretanto, muitas promessas são reflexo da ausência de serviços básicos, que já deveriam estar implementados para auxiliar, como os de saúde, segurança e valorização da produção local, dentre outros. Muitos rogam curas de doenças como a malária, outros oram por um parto seguro, outros pedem uma melhor produção, alguns pedem a cura de um ferimento de trabalho, outros pedem facilidade para escoar produção, muitos pedem o fim de violência física ou a cura de câncer. Esta última mais evidenciada pelos peregrinos advindos do Peru.

Na atualidade, muitas são as ações que visam facilitar a exploração e a ocupação irregular de áreas protegidas, criando precedentes para a redução e retiradas de proteção por meio da força de lei, apesar de todos os sinais dados pelas emergências climáticas. É necessário lutar para garantir áreas protegidas. A atual conjuntura política no âmbito nacional e regional abriu precedente para maiores conflitos nas bases, que têm só uma finalidade: facilitar a exploração da natureza sem critérios e sem licença ambiental. Diante do cenário de conflito, os povos da floresta, que vivem da extração tradicional de elementos vegetais e da criação animal, sofrem a pressão, pois para seu ofício é necessário floresta em pé, natureza viva. Além desses conflitos diretos por usos do território, existe o baixíssimo retorno financeiro em relação às suas frentes produtivas, o que gera gargalos e a necessidade de agregar novas atividades com fins econômicos. Outro problema que enfrentam é a invasão para implementação de pecuária, que acaba dando um retorno econômico para as famílias e, desta forma, acabam priorizando tal frente produtiva, provocando aceleração da destruição das áreas protegidas, atividades estas que têm retorno financeiro maior e mais rápido.

Para essa abordagem, adentramos algumas causas e efeitos das infinitas formas de uso da terra a partir das narrativas dos entrevistados, da observação dos impactos de algumas atividades que são visíveis na aceleração de processos naturais de destruição da terra, do descaso das políticas públicas para com as terras e os moradores das áreas protegidas. O que os povos das florestas têm a dizer? Para responder a tal questionamento, faz-se necessário ouvir e ler as narrativas das selvas, das periferias das cidades amazônicas, dos ribeirinhos, dos povos de diversas etnias que compõem esse corpo da natureza, das pessoas que resistem à imposição do único modelo de saber, o que provoca outro questionamento: qual a razão da produção do gado valer mais do que as vidas das florestas?

Uma das estratégias que utilizamos neste estudo é seguir os símbolos, o caminho utilizado pelo estudioso (Hirai, 2012) que constata que as pessoas migram e fazem seus movimentos carregando suas experiências; seguindo os símbolos, o autor chegou a distintas expressões. Assim, seguindo o símbolo, consegue-se visualizar um pouco os processos que afrontam tais localidades, por exemplo, analisando os ex-votos e o movimento até o recinto, mesmo em tempos de pandemia, onde são perceptíveis os problemas de cunho social em que é necessário pedir intermédio divino, haja vista que no enfrentamento à Covid-19 nem todos tiveram acesso às informações básicas para evitar o contágio. Especialmente em 2020 e 2021, o número de óbitos no Brasil pela pandemia reflete o despreparo e desprezo de ações básicas não articuladas pelo governo, levando uma população desassistida a acudir tão somente intervenção divina para suas necessidades.

O fenômeno da fé é um recorte da herança cultural, estampada por meio das representações às memórias individuais e coletivas, impregnadas com distintos símbolos. Na peregrinação até o *temenos*, o movimento é de manutenção de suas vidas, de seus territórios, meios de produção, renovação da fé, festejo, contato íntimo com sua devoção, entre outros. As florestas fazem parte do *temenos* e muito do que se mantém na atualidade é por veneração e respeito à entidade floresta. Os males atuais são vistos por muitos como reação das ações predatórias das pessoas; porém, muito do que existe em relação ao respeito e cuidado com as florestas deu-se por meio de mitos e lendas, como é o caso da “Mãe da Mata”, que cuida das florestas e não deixa que a utilizem além do necessário. Outro exemplo é o “Caboclinho da Mata”. Com ênfase nos animais, o caçador não pode pegar além do necessário à sua subsistência e aí se reforça um conceito do bem-viver, que é o avizinhar, repartir com os vizinhos a caça, o alimento. O que ocorre na atualidade é que muitos jovens estão perdendo a crença em mitos e lendas, pois já não há tanto contato com os mais velhos na troca de saberes e isto vem provocando um grande desequilíbrio que é reproduzido também nas áreas de florestas.

A santa Raimunda, alma do bom sucesso, santa da floresta, age mesmo como um elo entre o passado e o futuro. Segundo relatos, é ela quem cuida dos povos das florestas, quem os ampara e protege da fome e da doença. Os peregrinos que adentram o santuário muitas vezes desconhecem as dificuldades daquelas comunidades, que estão lutando e resistindo para garantir o mínimo já conquistado, como o direito à terra e ao uso dela.

O que ocorre com a Amazônia em tempos de pandemia? Houve um olhar para a situação? O que se observa é um constante ataque, como um duelo, entre o direito de viver e o direito de explorar para produzir riqueza imediata – riquezas para um grupo “seleto” – e, com isto, uma forte pressão para reduzir com fins capitalistas os direitos e os limites de áreas protegidas, o que gera um processo de expulsão e migração para as cidades, com danos irreparáveis para as comunidades das florestas e para a natureza. Esses ataques são sentidos por quem vive na área protegida. Para a comunidade local, em diversos diálogos é possível perceber a falta de vínculo com a instituição federal que faz a gestão da unidade. Não existe um programa que alcance essas famílias no tocante à assistência técnica, ferramentas para engradados de terra, entre demais alternativas. A presença da instituição, segundo narrativas, tem relação com multas e “perseguições”; ao ouvir os moradores locais, é dito: “não tem como melhorar a terra para produzir, é necessário separar outro hectare cultivado e deixar o antigo descansar”, o que se verifica é

uma falta diálogo e maior empenho em equilibrar a qualidade de vida dos residentes, bem como da fauna e da flora.

A comunidade devota organiza o temenos de santa Raimunda limpando o entorno, organizando o banheiro e contando com a ajuda da comunidade católica que vive no núcleo urbano de Assis Brasil. Muitos colaboram como pagamento de promessa. Para a comunidade local, os meios de produção estão muito marcados em pedidos e pagamentos de promessa à santa. O movimento ocorre todos os anos, com a festividade concentrada em 15 de agosto. Na ocasião, as comunidades dos seringais Icuriá e São Francisco organizam a festividade preparando alimentos, organizando infraestrutura, limpando ramais e varadouros. A igreja católica do Brasil e do Peru colabora com a organização da missa realizada em português e espanhol. Nem todos os anos estão presentes as duas representações, mas uma sempre é garantida. No dia da festividade, antes da pandemia de Covid-19, mais de seis mil pessoas percorrem o interior da Amazônia, atravessando trinta e sete quilômetros da BR-317 até o santuário.

No cenário pandêmico, em 2020, com base na narrativa de uma residente da localidade, durante a reunião da comunidade religiosa de leigos em Assis Brasil foi dito que: “em função da Covid-19, as comunidades e a igreja não organizaram a festividade em 2020 e 2021, o que é bastante ruim para a gente, porém necessário para garantir segurança”. É ruim, pois a comunidade, além ser devota, tem na festividade uma fonte de renda extra, o que agrega financeiramente às famílias.

A situação da pandemia não afastou totalmente os devotos. Alguns relatam que a entrada de peregrinos no primeiro ano de pandemia os surpreendeu, pois estavam totalmente desmobilizados, mas o devoto que tem voto fixo não pode deixar de cumprir. Essa entrada gerou uma esperança na comunidade, e as pessoas buscaram soluções para alimentar esses peregrinos. Já em 2022, o cenário de vacinação gerou um conforto e houve um empenho por parte da igreja católica em mobilizar a comunidade do entorno do recinto para organizar a celebração de fé. A comunidade do Icuriá ficou com a maior concentração de devotos, que adentram de carro até a proximidade, o ramal do Bom Sucesso. Quanto à de São Francisco, limpou o ramal da tradicional Romaria Ecológica realizada no dia 15, com procissão e reflexão sobre a nossa relação com a natureza. Nesse atual contexto, o recinto recebeu pouco menos de duas mil pessoas e a procissão contou com média de quatrocentas pessoas. As famílias do interior da Reserva, com suas estratégias, conseguiram manter suas vidas diante da pandemia, reduzindo algumas frentes produtivas e se afincando na fé para seguir adiante.

Em relação à pandemia da Covid-19, os povos das florestas e das demais pessoas que compõem a Amazônia, dos núcleos urbanos e, sobretudo, de áreas isoladas, estiveram sujeitas a maior desassistência por parte dos governos, ampliando a fome, a violência e a morte, o que é um verdadeiro desrespeito por parte da gestão pública, que veio utilizando em algumas frases o discurso da “gripezinha” para com a população – a velha querela do darwinismo social.

Angela Mendes é coordenadora do Comitê Chico Mendes, filha de Chico Mendes e uma das lideranças que trabalham para a derrubada do PL-6024. Durante a oficina “Reconectando Aliança dos Povos da Floresta”, ela contextualizou a situação aos participantes e cedeu a narrativa para uso da autora, em 20 de abril 2021:

[...] O PL 6024 é só mais um problema que chegou para potencializar os problemas já existentes. É sabido que a RESEX tem problema com desmatamento já há algum tempo, mas essa menção ao PL e saber que quem está por trás dele pretende reduzir os limites da Reserva Extrativista Chico Mendes alvoroçou ainda mais os desmatadores, principalmente ali na região de Brasília, até porque andaram soltando fake news de que com o PL e a redução da reserva seria possível, agora, comprar lotes naquela região. Então, foi assim um ‘boom’, potencializou muito o que vem acontecendo, principalmente em Brasília, mas também em outras regiões da Resex, como Assis Brasil, Xapuri e Rio Branco também. Isso acontece também porque existem lideranças com estreita relação com os autores do Projeto de Lei-6024 que facilitam o acesso de pessoas sem perfil e vindas inclusive de outros Estados. [...]

A RESEX está dividida, parte dos moradores é a favor desse PL. Se você for ver parte dos moradores aqui de Rio Branco (RESEX). Por esses dias, fui conversar com a Wanderléia. Wanderléia é uma liderança, uma mulher, tesoureira da Associação (AMOPRECARB) que foi expulsa da área dela pelos facionados que estão dominando essa área da RESEX, a parte Rio Branco. E tem muito loteamento, também ela disse que tem lugares aqui que tá parecendo uma vilazinha de tão desmatado e de tão loteada que tá a RESEX. É triste ouvir essas narrativas, mas o que tá acontecendo em toda a reserva extrativista Chico Mendes é muito crítico. E aí acontece que existem os interesses que definem as posições a favor e contra; por exemplo, os que estão ocupando áreas ilegalmente, os que querem desmatar e mudar o perfil da RESEX são a favor; agora, aqueles que já estavam e que fizeram parte da história, que lutaram até junto com meu pai para criação da RESEX, eles são contra, mas eles já são poucos, né (!), porque muitos já foram embora, muitos até já morreram, já passaram suas colocações pros filhos e essa nova geração precisa se empoderar desse compromisso, dessa luta que ele não conheceu e talvez nem ouviu falar, não fez parte dessa história por tanto não valoriza essa conquista como deveria. Então, minha amiga, vou lhe dizer que a situação da Reserva Extrativista Chico Mendes é bem difícil, é bem crítica, é bem delicada. (Angela Mendes, fala pública cedida para uso da autora, 2021).

Os impactos são vividos de forma apressada por diversos motivos (Fausto, 2015), em específico pela busca incansável de usar a natureza como recurso, como se ela fosse inesgotável. É imprescindível repensar o uso desequilibrado da natureza e repensar que as pessoas “não são o centro, ou o topo da cadeia alimentar”, recorrer às memórias do passado e estudar processos anteriores com objetivo de minimizar alguns impactos negativos da nossa existência. Por exemplo, no passado enfrentamos a gripe espanhola, uma catástrofe com duração de dois anos com número gigantesco de mortes. Do mesmo modo, na atualidade é necessário adentrar a raiz dos problemas para descobrir que a recorrência vem das mesmas práticas. (Vieira, 2015) expõe a problemática da crise ecológica no sertão da Bahia, por meio da técnica de assuntar, que é uma expressão utilizada no Nordeste e norte do Brasil. A estudiosa conceitua a expressão para demonstrar os danos colaterais vividos em seu local de estudo. Ela escreve:

Um dos sinais mais atordoantes da mudança de Era é o fim da criação ou, pelo menos, de um modo de criar. As pessoas mais velhas se inquietam ao constatar, nas comunidades vizinhas, que muita gente deixou de criar animais e, sobretudo, de plantar roça de mandioca. A farinha, que sempre foi o último item alimentar a faltar durante os mais agudos tempos de seca, agora desaparecia das mesas dos seus próprios produtores. Um sinal de alerta para Leonilda, para quem “quando falta a farinha, falta tudo!”. Quando isso ocorre, é sinal de uma mudança expressiva e inédita nas condições de vida. (Vieira, 2015, p. 19).

A emergência climática é vivenciada em todo o globo, e as famílias que vivem em áreas protegidas, como a Reserva Extrativista Chico Mendes, sofrem também os impactos das mudanças, assim como a pressão dos que tentam acelerar o “crescimento”. Em

contraponto à manutenção das florestas, ela não é pactuada e trabalhada junto a estes que durante séculos foram seus guardiões. O recinto sagrado de santa Raimunda gera um elo entre aqueles que lá habitam e a mata, proporcionando uma relação de maior equilíbrio entre o temenos sagrados, no âmbito cosmogônico, lendário e mítico, proporcionando uma aproximação das pessoas com as florestas e a manutenção do bioma amazônico, porém não é suficiente para garantir sua existência.

Os poderosos, com tecnologias de ponta, conseguem manipular as informações com as ditas notícias falsas, criando conflitos entre os próprios residentes, gerando um desconforto entre os que defendem o uso tradicional e os que buscam meios mais rentáveis. Algumas comunidades, como a do Icuriá, por meio da Associação dos Moradores, conseguiu articular a instalação de um ponto de internet para facilitar a mobilização e interação da comunidade com o restante do mundo. O que estão articulando junto aos sindicatos dos trabalhadores rurais e ao comitê Chico Mendes é como aproveitar da melhor maneira o uso da internet, as ferramentas tecnológicas livres na internet para denunciar e também para apresentar seus modos de vida.

O *Temenos* configura um espaço de fuga, uma vez que é um recinto sagrado elegido e que acende nos moradores devotos uma relação de proteção em que se apegam com seus pedidos e pagamentos de promessas, reivindicando saúde, melhorias e proteção, entre benefícios para resolução dos problemas que assolam as pessoas. A elevação de um recinto sagrado dar-se-á por distintas configurações, como explicado ao longo do trabalho, porém a manutenção desses espaços é por razão de fé e necessidades que muitas vezes são cabíveis a ações públicas, e por omissão as pessoas se apegam à devoção.

Considerações finais

Temenos de Santa Raimunda é uma manifestação da cultura popular pautada no catolicismo popular e nas distintas experiências vividas em seu território, assim como as trasladadas por seus diferentes ocupantes em distintos tempos.

A natureza, para muitos, ainda é vista como sagrada. Os mitos e lendas são respeitados por fazerem parte das cosmovisões que foram transmitidas às pessoas das florestas. O convívio e o “equilíbrio” com a natureza se deve aos muitos saberes populares reforçados por meio de mitos e lendas que apresentam o quanto se pode retirar da natureza sem causar danos (Lévi-Strauss, 2009) faz essa relação, da catástrofe, de uma forma até poética, que proporciona uma leveza em pensar que, sim, somos parte desse processo, mas que devemos parar e pensar nos processos que estão levando à aceleração de algumas etapas da renovação da terra, antecipando as infinitas possibilidades do fim.

Santa Raimunda, mulher, seringueira, parteira, moradora da floresta, teve uma vida marcada pela labuta e uma morte trágica, resultado da violência, o que não é um caso isolado, dos distintos ciclos de violência que permeiam as populações. Muitas mulheres adentram o santuário pedindo fim de violência. O estigma de práticas machistas associados à cultura ainda é recorrente e muitas pessoas, que estão imersas na problemática e não conseguem solucionar por si, recorrem ao sagrado.

A Reserva Extrativista Chico Mendes é a reforma agrária do seringueiro, resultado de lutas, da união de distintos povos que migraram para localidade junto aos povos originários. Essas lutas seguem para garantir a vida das florestas com sua extensa biodiversidade.

Na Amazônia, com os grandes fluxos, muitas famílias estão deixando de criar ou de extrair essências vegetais, pois o mercado não paga o preço justo e o entorno “oferece” opções mais rentáveis, como a criação de gado. Outra ocorrência na localidade são os períodos de fortes chuvas, que dificultam o coletar e escoar da produção, encarecendo mais para as comunidades locais; e no período de estiagem precisa coletar alimentos suficiente para o ano todo.

O PL-6024 é outro grande problema. Alguns moradores são favoráveis a ele justamente pela falta de informação e pelas “facilidades de ganho financeiro” por meio da extração madeireira e criação de gado, que já atraiu muitos ilegais que estão nos limites da área para abocanhar pouco a pouco a terra. Com isso, o formato de desmatamento vai sendo acelerado e fica quase inviável viver do extrativismo vegetal.

Referências

- DE LA CADENA, M. *Natureza incomum: histórias do antrope-cego*. Brasil. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, p. 95-117, 2018.
- ELIADE, M., & Couliano, I. P. *Dicionário das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FAUSTO, J. Rato candango, homem zumbi. *Piseagrama*, p. 12-17, 2015.
- HIRAI, S. ¡Sigue los símbolos del terruño!»: etnografía multilocal y migración transnacional. En M. Ariza, & L. Velasco, *Métodos cualitativos y su aplicación empírica: por los caminos de la investigación sobre migración internacional*. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Sociales; El Colegio de la Frontera Norte, A.C., 2012.
- KLEIN, E. *Santos da Floresta: Cultura e Religião entre seringueiros do Acre*. Rio Branco – Acre: Editora da UFAC. 2003.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LÉVI-STRAUSS, C. (2009). Lição de sabedoria das vacas loucas. *Estudos Avançados*, p. 211-216, 2009.
- SILVA, A. D. *Territorialidades e identidade do coletivo kawahub – da terra indígena uru-eu-wau-wau em Rondônia: “orevaki are” (reencontro) dos “marcadores territoriais”*. Curitiba-PR: Tese de doutorado, 2010.
- SILVA, R. D. *Espaços de peregrinação: a devoção nas estradas da seringa*. Porto Velho: Dissertação de mestrado em geografia. Universidade Federal de Rondônia, 2015.

VIEIRA, S. D. O Astro do Tempo e o fim da Era: a crise ecológica e a arte de assuntar entre os quilombolas do Alto Sertão da Bahia. *Clima Com Cultura Científica*, p. 16-33, 2015.

Editora responsável: Fábio L. Stern

Recebido: 9 nov. 2022

Aprovado: 20 jul. 2023